

Dossier

por Álvaro Domingues



© João Faria / Drop

Excertos do livro *Vida no Campo*, publicado pela Dafne Editora, 2012

O território perdeu o atrito, Portugal infra-estruturou -se depois de séculos de atraso e má distribuição das infra -estruturas. Se formos a ver onde hoje é potencialmente possível, por razões de dotação infra-estrutural, construir uma casa, um edifício de escritórios, uma loja ou um centro comercial... não chegarão os alfinetes para espetar no mapa. A urbanização *extensiva* denomina esta possibilidade totalmente contrária à imagem convencional de *cidade* como algo confinado, com uma forma, um centro e limites precisos e mapificáveis. A aglomeração é apenas uma das faces da urbanização e uma coisa que, durante séculos (ou mais), esteve dependente de um poder organizado, de uma muralha, da disponibilidade de água (aquedutos, cisternas, fontes), de haver um porto, um cruzamento de estradas ou um rio navegável. Hoje, as muralhas (reais e mentais) são outras e existem várias navegações. A *sociedade em rede* organiza -se segundo sistemas de relações e a proximidade física ou a aglomeração são apenas uma das formas de facilitar essa relação, mas não a única.

Vida no Campo é sobre isto tudo: mitologias do último país rural da Europa que persiste em inscrever no imaginário colectivo (e ao mesmo tempo) as imagens bucólicas e os destroços desse mundo perdido, variando entre calamidades e incêndios, *resorts* para todos os gostos com muita relva e *espaço verde*, turismo rural, desertificação ou, ao contrário, casas e estradas por todo o lado. Se 97% da economia não é rural, o país, a sociedade e o território são urbanos (por defeito e enquanto não se conseguir sair desta dicotomia). Parece desconcertante, mas para escrever um livro é quanto basta.

No fundo, o trauma da perda de um mundo rural mitificado está longe de se resolver e apaziguar. É disso que se trata neste jogo de espelhos onde não se percebe exactamente o que é que objectivamente se perdeu, mas muitos crêem que o que realmente se perdeu foi o próprio paraíso, a versão bucólica e pastoral do mundo rural perfeito, como Adão e Eva antes da serpente. O sentimento da perda e o mau luto por essa ausência tanto provocam a apatia como o delírio e a mistificação. Desde que Freud escreveu sobre isto em 1917 há uma pilha imensa de estudos que não mais terminam.

A questão é que o luto, enquanto processo de esquecimento, é constantemente perturbado pela presença do morto. O caso é o de uma perfeita fantasmagoria. Os destroços do mundo rural estão por todo o lado, desde os que vivem no mundo da pura ficção – bastam umas imagens e um folheto de propaganda turística da *vida no campo* ou do *turismo rural* –, a outros que são puras alegorias em forma de ruína e de abandono, verdadeiras presenças de uma ausência que constantemente dá sinal de si.

O resultado é uma espécie de *luto crónico* em que a incapacidade do esquecimento origina uma enorme diversidade e contradição de atitudes: tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, fadiga, choque, entorpecimento, inquietude, choro, auto -punição obsessiva, mania, distanciamento social, incredulidade, confusão, preocupação, alucinação, ansiedade, amnésia, recordação, melancolia, angústia, remorsos, fantasias, recalcamientos, delírios, fantasmagorias, e um sem fim de patologias mais ou menos graves que, no fim de contas, nos impedem de ter a disponibilidade para encarar e realidade e a extensão da ausência, organizar os rituais de perda, separação ou ruptura, e avançar para outros imaginários e vivências que não incluam o *morto*. Completar o luto, portanto, e pôr tudo num museu-mausoléu.



Sobreposição



Decomposição



Desconstrução

Desruralização é um conceito que se usa nas Ciências Sociais para denominar o processo de mutação socio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola (agro-florestal e criação de gado) e das culturas e *modos de vida* rurais tradicionais das *sociedades camponesas*. O recuo demográfico, o despovoamento e o abandono do solo agrícola são alguns dos factos mais insistentemente referidos sobre o assunto. Outras vezes, ouve-se apenas o lamento pela perda de velhas tradições, costumes, ofícios e outras manifestações da cultura imaterial. No entanto, nem só de abandono ou perda se trata, como se verá.

A desruralização mobiliza, de facto, uma questão poliédrica que aparece enunciada de diferentes formas consoante o modo de problematização. Apesar dessa diversidade, existem pelo menos duas faces distintas que interessa iluminar para que se perceba melhor a profundidade das transformações em causa:

- a transformação ou desaparecimento da agricultura enquanto economia (produção, distribuição, consumo, sistemas e tecnologias de produção, produtos, preços, mercados, etc.);
- a transformação da cultura rural enquanto modo de vida, visão do mundo, sistema de hábitos, crenças, tradições ou comportamentos.

Esta separação é tanto mais importante quanto *rural* – relativo à paisagem, à economia, à cultura, às tradições, aos modos e estilos de vida, etc. –, designa convencional e indistintamente algo de que é suposto ser a agricultura o suporte principal da economia e atributo cultural de uma sociedade dita camponesa ou, mais vagamente, de uma sociedade que se inscreve num território marcado pela actividade agrícola. Estas complicações terminológicas e semiológicas, para além de serem confusas como todas as complicações, são ao

mesmo tempo claras como o nevoeiro: designam realidades esfumadas onde cultura e agricultura se desencontram.

Rural também se usa como oposição de urbano, mas disso nos ocuparemos noutro lugar. Basta por agora dizer que esta dicotomia se estabilizou e se baralhou para sempre com o processo de *modernização*, segundo o qual e de forma simplificada, o rural designaria o lugar de partida do *êxodo rural* em direcção à urbanização intensa e rápida, e a agricultura conheceria uma tendência de mecanização, especialização e industrialização que acabaria com o campesinato e com as especificidades das sociedades e culturas camponesas, os seus territórios e paisagens tradicionais. Urbanização, tomada como processo irreversível de evolução social, seria qualquer coisa cujo poder derreteria tudo o resto num resíduo arrumável em valas comuns e categorias genéricas.

Por exclusão de partes, o rural seria uma dessas arrumações.

Para além da oposição urbano/rural, existe uma outra: cidade/campo. Os significados e as hierarquias são semelhantes: cidade é o *centro*, o poder; campo é a vastidão dos territórios onde habitam os súbditos, o vulgo, a plebe, os rústicos..., ou os idiotas, e se produzem alimentos, lenha, carvão, ou outra coisa qualquer, coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito. Quem podia, às vezes, saía da cidade e ia para o *campo* administrar os seus domínios, caçar pardais ou apanhar ar. Hoje, há muito quem só tenha sossego e paz de espírito quando está ou no *centro histórico* (a cidade) ou na *aldeia típica* (o campo); tudo o resto provoca indiferença, azia e amnésia. Além do campo há também a praia e a montanha. Estranha forma de vida.



Cultura megalítica



S, M, L



XL



Depois da idade do gelo



Assombração

...Quando acabaram as colheitas deitaram-lhe fogo como ao restolho. Na sua cinza mijaram os gatos e espojaram-se as galinhas. Só a sombra que tinha feito ficou no chão como uma nódoa.(...) Houve diversas discussões se havia ou não que retirá-la dali por causa do turismo e do bom nome da localidade. Uns eram partidários do pitoresco e outros querem as coisas como deviam ser. Durante a contenda apareceu então quem não quisesse acreditar que a sombra não era uma coisa natural. Acabaram por enrolá-la, como a um tapete, e levá-la para observação dos membros da Academia. Cheirava tanto a tristeza que os académicos se acharam comovidos. Escreveu então, cada um seu soneto comemorativo..

António Pedro, *Apenas uma Narrativa*, Lisboa, Estampa, 1978, p. 28, [1.ª ed., 1942] citado, por Maria de Fátima Saraiva, *O Surrealismo em Portugal e a Obra de Mário Cesariny de Vasconcelos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1986, p. 193. [ed. online]



A casa de Adão no Paraíso



Casinha do portão da casa.

Mas, para lá de outras considerações racionais, o desaparecimento das casas regionais, se é um passo para a melhoria de habitação do povo, é também mais um aspecto desse movimento geral de nivelamento que caracteriza a nossa época, corolário fatal da industrialização, que marca o apagar de valores afectivos essenciais e da fascinante diversidade do mundo – o fim do humanismo que foi uma filosofia da vida, com os seus graves defeitos e extraordinárias virtudes.

Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 2003, p. 374. [1.ª ed., 1992]



Fado



Futebol



Fátima